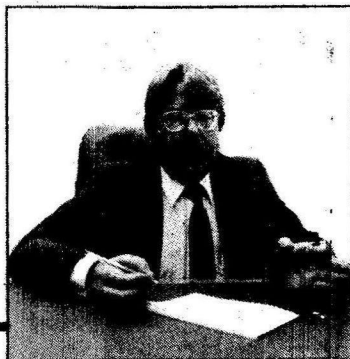


Pastore pedirá bases melhores para a renegociação

O Brasil vai pedir melhores condições para a renegociação de sua dívida externa, — que em dezembro deste ano atingirá US\$ 100 bilhões — com prazo e carência maiores e menores comissões, dentro de um plano plurianual de pagamento dos juros e do principal, sem concentrar os débitos em nenhum dos próximos anos. Esta estratégia foi traçada ontem, pelo Presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, durante Palestra na Escola Superior de Guerra. As negociações preliminares da dívida de 85 começam a 2 de agosto, em Nova York, quando Pastore se reunirá com representantes dos 14 principais bancos credores do Brasil.



“O Brasil vai seguir os passos do México, que está conseguindo um plano com prazo e carência maiores”

AFFONSO CELSO PASTORE, Presidente do Banco Central

Durante toda a palestra, o Presidente do BC se mostrou otimista em conseguir a aplicação da nova estratégia. E lembrou que o País tem agora reservas em caixa de US\$ 4,5 bilhões e poderá fechar o ano com um saldo de US\$ 6 bilhões. Previu também que o superávit da balança comercial em 84 chegará a US\$ 12 bilhões e o déficit em conta corrente, a US\$ 3 bilhões, contra US\$ 6 bilhões no ano passado. Quanto às reservas em ouro, calcula que o País terá no fim do ano o equivalente a US\$ 1 bilhão.

— Por tudo isso partimos para a renegociação da dívida externa em 85 numa posição bem mais confortável do que ocorreu no início deste ano. Nesta época, o País estava numa situação de quase insolvência, sem dinheiro em caixa e tendo que pagar dívidas de curtíssimo prazo. Conseguimos compor, dar um suspi-

ro. Agora vamos partir para renegociar a dívida em melhores bases.

O Presidente do Banco Central, no entanto, não fez vista grossa à inflação, que agora em julho ultrapassará dez por cento, no ano já soma 75,6 por cento e, nos últimos 12 meses, alcança a marca de 226 por cento. Considerou a inflação um mal interno, que precisa ser eliminado, mas não preocupa os banqueiros.

— O mais importante para os banqueiros internacionais são os números do saldo em conta corrente, do saldo da balança comercial. Isso temos bons números para apresentar. Por isso, o Brasil recuperou a confiança de que pode pagar vai pagar.

Pastore não tem idéia ainda de quanto o País precisará pedir em novos empréstimos para rolar a dívida em 85.

1

Banco de Boston prevê retomada a partir de 85

SÃO PAULO — Impulsionada pela exportação e pela venda de bens de consumo duráveis, a retomada do crescimento econômico brasileiro ganhará corpo a partir do ano que vem, previu ontem o novo Presidente do Conselho de Administração do Banco de Boston, Henrique de Campos Meirelles. Para ele, o fato de as empresas não estarem respeitando a política salarial instituída pelo Decreto-Lei 2065, tem provocado o aumento das vendas de bens duráveis.

A atuação do Banco de Boston — com atendimento personalizado a pessoas jurídicas — permitirá que a instituição concentre suas atividades em indústrias que possam ser beneficiadas pela reativação da economia. Já bastante atuante no financiamento de empresas voltadas para o mercado externo (atividade responsável por 30 por cento de suas operações de crédito), pretende agora conceder empréstimos aos fabricantes de bens duráveis.

O objetivo de Meirelles é aumentar o número de clientes personalizados — hoje são quatro mil empresas — à razão de 20 por cento ao ano. O Banco de Boston obteve, através de suas cinco agências, lucro líquido de Cr\$ 12 bilhões no primeiro semestre do ano, com crescimento de 71,4 por cento sobre os Cr\$ 7 bilhões registrados em igual período de 1983.

2

Brasil assina hoje crédito de US\$ 1,5 bilhão

EDGARDO COSTA REIS
Correspondente

WASHINGTON — Quase um ano depois da aprovação do governo americano, o Brasil assina finalmente hoje a linha de crédito comercial no valor de US\$ 1,5 bilhão aberta pelos bancos comerciais com o aval do Banco de Exportação e Importação (Eximbank) dos Estados Unidos.

O atraso nas negociações, que envolveram discussões sobre a participação e comissões dos bancos privados, acabou deixando o Brasil numa situação em que dificilmente usará mais de US\$ 800 milhões ou US\$ 900 milhões desses créditos para a compra de produtos americanos, principalmente equipamentos e acessórios.

A cerimônia de assinatura será esta manhã na sede do Eximbank em Washington. O Brasil será representado pelo Presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, e os Estados Unidos, pelo Presidente do Eximbank, William Draper III.

A linha de garantia de crédito oferecida (junto com outra de US\$ 500 milhões ao México) e aprovada no princípio de setembro do ano passado, fez parte do pacote financeiro de US\$ 28,3 bilhões, negociado pelo Brasil para 1984.

— “É um erro pensar que a solução da dívida se produzirá através da soma de soluções conjunturais. É preciso tomar medidas não-convencionais para um problema que deixou de ser convencional”, afirmou em Washington o Chanceler argentino, Dante Caputo.

3

Figueiredo, em carta ao Canadá, defende diálogo

BRASÍLIA — O Presidente Figueiredo defendeu “soluções realistas e duradouras” para o problema da dívida externa latino-americana, em carta encaminhada ao novo Primeiro-Ministro do Canadá, John Turner. Esta solução somente será viável, segundo Figueiredo, com o diálogo entre países credores e devedores.

As bases ideais para o diálogo, na opinião do Presidente, são os princípios e propostas resultantes da reunião de Cartagena, em que 11 países latinos discutiram a questão do endividamento externo. A carta, datada do dia 16 passado e divulgada ontem pelo Itamaraty, reafirma que é “imprescindível a adoção de medidas urgentes com o objetivo de tornar viável o encaminhamento satisfatório da questão da dívida externa”.

A mensagem de Figueiredo, uma resposta à carta que lhe foi enviada pelo então Primeiro-Ministro Pierre Trudeau, conclama os países ricos ao diálogo em quase todas as suas 40 linhas. O Presidente acredita que algum avanço já foi conseguido na reunião entre as sete nações mais industrializadas em Londres, o que ficou claro na carta de Trudeau, onde o dirigente canadense repete as propostas daquele encontro: reescalonamento plurianual da dívida, negociação caso a caso, redução das taxas de juros e liberalização do comércio.

4

Delfim ainda não sabe como usar os recursos do Bird

BRASÍLIA — O Governo só definirá no curso das negociações com o Banco Mundial (Bird) os projetos de exportação que pretende financiar com um empréstimo de US\$ 2,5 bilhões, que tentará obter junto à instituição e bancos privados internacionais. O principal negociador do crédito, o Ministro do Planejamento, Delfim Netto, viaja no próximo fim de semana para Washington, onde se reunirá com a Diretoria do Bird na segunda e terça-feiras.

Segundo fonte do Planejamento, Delfim não leva planos, pois até o momento o que existe é apenas uma promessa do Banco Mundial — transmitida por uma missão oficial que esteve recentemente no País — de conseguir os recursos, através de um sistema de co-financiamento, envolvendo a participação de bancos privados. A princípio, o empréstimo servirá para financiar exportações pelo sistema Draw-back (importações de matéria-prima para reexportação do produto industrializado), a exemplo de um programa no valor de US\$ 150 milhões já existente com o Brasil.

● A Chefe — Adjunta da Divisão do Atlântico do Fundo Monetário Internacional (FMI), Ana Maria Jul, discutiu ontem, com o Secretário de Planejamento do Ministério do Planejamento, José Augusto Arantes Savasini, o comportamento da economia brasileira no primeiro semestre. A discussão, segundo Savasini, não foi conclusiva, e os dois voltam a se reunir hoje. O secretário disse a Jul que o déficit público nominal poderá ficar abaixo da meta de Cr\$ 23,7 trilhões até junho.